



RESENHA

POR UMA ESCRITA EFICIENTE E ICÔNICA SOBRE A INCOMUNICABILIDADE: BECKETT E A LINGUAGEM MÉDICA

(ON INCOMMUNICABILITY: BECKETT AND MEDICAL LANGUAGE)

Tarso ADONI¹

BESSERIE, Maylis. *Tempo Final*. Tradução: Lívia Bueloni Gonçalves. 1. ed. São Paulo: Nós, 2022. 157 p.

O irlandês Samuel Barclay Beckett, nascido em Dublin em 13 de abril de 1906, notabilizou-se pela criação de uma obra marcada por questões existencialistas, por refletir o sentido de uma vida sem sentido, sem propósito aparente. Ganhador do prêmio Nobel de 1969, Beckett é dono de uma linguagem seca, caracterizada por frases curtas e orações enxutas. O cenário, igualmente econômico, é personagem importante na percepção transmitida à plateia de dissolução das formas de comunicação encerradas pela linguagem. Ao lado de Eugène Ionesco, Harold Pinter e Jean Genet, entre outros, faz parte daquilo que o crítico húngaro Martin Esslin chamou de “teatro do absurdo” (ESSLIN, 2018).

A jovem Maylis Besserie ganhou o Prêmio Goucourt de Primeiro Romance, em 2020, com o livro *Tempo Final*. Na obra, a escritora especula como teriam sido os últimos meses de vida do célebre dramaturgo irlandês na casa de repouso francesa Tiers-Temps, em

¹ É médico neurologista, Doutor em Ciências pela Faculdade de Medicina da USP, Assistente-Doutor da Divisão de Neurologia do Hospital das Clínicas da FMUSP. É autor, junto com Stefan Cunha Ujvari, de “A História do Século XX pelas descobertas da Medicina”, editora Contexto. Endereço eletrônico: <tarso@dfvneuro.com.br>.

Paris, onde Beckett foi institucionalizado em 1988. O livro está dividido em três partes, denominadas, respectivamente, “primeiro tempo”, “segundo tempo” e “terceiro tempo”. Aqui, a partir da perspectiva de um leitor médico, chamou-me a atenção o “primeiro tempo”. A autora escolheu a narração em primeira pessoa, dando ao velho Beckett a sua própria voz, cansada, envelhecida e atormentada pelos fantasmas do passado e pelas limitações do presente, decorrentes da redução da mobilidade e do enfisema pulmonar.

Intercalando as reflexões do protagonista com as anotações do médico e da equipe da enfermagem, o “primeiro tempo” desnuda o problema de comunicação que, habitualmente, vivencia-se na prática médica. Há um descompasso entre os valores do paciente, que são uma consequência de sua biografia – ninguém além de Beckett é Beckett, mas todos aqueles que levam várias décadas de existência acumulam experiências, alegrias, dissabores e *insights* que moldam o conjunto de carne e osso que nos torna humanos e únicos –, e a técnica e distante avaliação do neurologista, que diagnostica a doença de Parkinson do paciente e prognostica sobre a sua fragilidade motora, a instabilidade postural e o risco de quedas. Dando sequência às anotações, Nadja, a enfermeira, ressalta que “[...] o senhor Beckett é um paciente muito exigente com os seus horários. Ele escreve à noite e por isso acorda tarde. [...] É um paciente muito silencioso.”. Ora, nenhum outro adjetivo é capaz de descrever com maior acurácia Beckett do que “silencioso”. Alberto Giacometti encontrou Beckett em Paris. O primeiro encontro, no outono de 1937, aconteceu no mítico Café de Flore. Beckett sentou-se à mesa, de frente para o escultor suíço, acendeu um cigarro e, após mais de duas horas sem dizer nenhuma palavra, levantou-se e foi embora (WILKINSON, 2018). Uma anamnese criteriosa, que levasse em conta a vida pregressa daquele solitário paciente, daria conta de identificar o silêncio como um valor caro àquele senhor esquelético, de vastos cabelos brancos e de profundos olhos azuis.

Em outra passagem, Beckett escreve:

Nadja começou sua exposição com algumas precauções oratórias, certificando-me de que *ninguém aqui colocava em dúvida minha capacidade de me alimentar de maneira autônoma*. Ela reforçou exageradamente ‘capacidade’, como se fosse uma proeza, para um velho gagá como eu, comer sozinho. Insistiu sobre a ‘limpeza’ com a qual eu comia, a destreza para manejar o garfo. Seguiu no assunto por um momento enquanto eu pensava sobre essa questão: como cheguei aqui? Como a existência me levou, de forma tão traiçoeira, a me transformar em um dos meus palhaços? Um dos meus palhaços. Um dos meus delírios. Um dos meus pesadelos. (p. 64)

Outro ponto abordado indiretamente por Besserie é a forma como, repetidas vezes, vemos médicos infantilizarem a linguagem no trato com pacientes muito idosos. “Após o almoço, dei uma olhada no caderno pendurado ao pé da minha cama. Momento de leitura revigorante. O senhor Beckett comeu direitinho sua comida, fez seu passeio (...).” Mais adiante, após incontáveis platitudes proferidas pelo barbeiro enquanto cortava seu cabelo, amargo, mas não sem razão, no mais perfeito e irônico estilo irlandês, Beckett diz:

Por que mesmo em seus velhos dias, no inverno da sua existência – no inverno do seu descontentamento-, o homem que, apesar de não desejar mais muita coisa, a não ser um pouco de paz, seja confrontado, contra a sua vontade, com tanta besteira? Quero dizer: como é possível que o velho – a partir do momento que se vê constrangido a frequentar uma população da qual tentou fugir até então: equipe médica, jovem barbeiro etc. – torne-se um animal de estimação diante do qual discutem? Não é muito diferente do cachorrinho, o velhinho a quem confiamos as pequenas opiniões sobre as cosias. Receptáculo dos detritos de linguagem e pensamentos. Vítima das tolices, e como um bônus, perante testemunhas. Um privilégio a mais. (p. 91-92)

Para além do debate da incomunicabilidade até aqui debatida, o livro possui valores adicionais. O relato da fragilidade daquele velho homem de 1,82 m e 63 kg, as lembranças do convívio e da admiração por James Joyce, o relacionamento conflituoso com sua mãe May, a frutífera e feliz vida compartilhada com sua mulher Suzanne, morta cinco meses antes dele.



Há, ainda, o estilo de Maylis Besserie ao reproduzir as hipotéticas, porém, verossímeis falas de Beckett. Mas a grande questão continua a importunar: como resolver o problema da comunicação em medicina? Há solução?

Dante Alighieri relatou “[...] la debilità dello intelletto e la cortezza del nostro parlare.”, realçando a impossibilidade de a linguagem abarcar o todo que tencionamos exprimir. (STEINER, 2017) Acredito que, com o devido treino, sejamos capazes de reduzir as distâncias entre todos os sujeitos envolvidos no cuidado médico. No entanto, uma solução fácil e definitiva é ambição inalcançável, é Vladimir e Estragon esperando o Godot que nunca chega.

REFERÊNCIAS

ESSLIN, Martin. *O Teatro do Absurdo*. Tradução: Barbara Heliodora e José Roberto O’Shea. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

STEINER, George. *Aqueles que queimam livros*. Tradução: Pedro Fonseca. 1. ed. Belo Horizonte: Âyiné, 2017.

WILKINSON, Judith. *Samuel Beckett: A Curated Life*. 1. ed. London: Bloomsbury Publishing PLC, 2017.

Envio: Fevereiro de 2022.
Aceite: Fevereiro de 2022.